IX° JORNADA ACADÊMICA DAS FACULDADES ITES
METODOLOGIA APLICADA AO ESTUDO DOS ODS

IX° JORNADA ACADÊMICA DAS FACULDADES ITES
METODOLOGIA APLICADA AO ESTUDO DOS ODS

RELEITURA MENINO LOBO

Autores: Felipe Shibata Aguetoni; Paulo Lins; Juliana Uesono

ITES - Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior, Praça Dr. Horácio Ramalho, 159- Centro - CEP: 15.900-047 – Taquaritinga, SP. Contato: +55 16 996270165 – 16 99329-3945
* E-mail: felipeaguetoni@ites.com.br paulolins@ites.com.br juesono@gmail.com

RELEITURA MENINO LOBO

RESUMO: O trabalho apresenta uma releitura do caso Roberto, conhecido como menino-lobo com base na teoria psicanalítica de Jacques Lacan (1986) e manejo clínico de Rosine Lefort (apud LACAN, 1986). Será analisado o significante “O Lobo!” e como a linguagem estrutura o sujeito e possibilita a passagem do real ao simbólico; o estudo também destaca o manejo clínico de Lefort sobre o brincar e o uso simbólico.

Palavras-chave: Psicanálise; Lacan; Linguagem; Lobo; Subjetividade.

INTRODUÇÃO

A psicanálise é uma abordagem teórica e clínica fundada por Sigmund Freud no final do século XIX, que propõe que o inconsciente exerce influência determinante sobre os comportamentos, afetos e sintomas humanos. Entre os autores que expandiram essa perspectiva, Jacques Lacan (1901–1981) foi um dos mais importantes, ele propôs um “retorno a Freud” por meio da linguagem, afirmando que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1986).

A reorganização de Lacan dentro da Psicanálise se dá por alguns conceitos central sendo, o simbólico, imaginário e real, assim como a reorganização do analista, sujeito e do significante.

Além disto, entre 1953 e 1980 ele realizou diversos seminários que foram espaços onde desenvolveu suas principais teorizações clínicas, junto a participações de outros analistas como Rosine Lefort com o caso do menino-lobo, sendo assim Lacan explora o papel estruturante da linguagem junto com o manejo do significado no processo de constituição do sujeito.

DESENVOLVIMENTO

3.1 Identificações, contexto e histórico.

Roberto ou menino-lobo é uma criança de 03 anos, era filho de uma mãe psicótica e não conhecia seu pai, logo no início de sua vida foi exposta a fome, doenças, risco de morte e abandono, ainda quando criança precisou realizar uma cirurgia atrás de sua orelha deixando uma cicatriz, seus primeiros anos de vida também foram marcados por mudanças de ambiente frequentes, junto à mãe, hospital, família de acolhimento e escola, isto acabou gerando em Roberto uma grande dificuldade em ter uma continuidade simbólica afetiva, sua relação com a linguagem, corpo e o Outro se formaram de forma fragmentada, pouca linguagem, apego com objetos junto a estereotipias com rituais obsessivos além da ausência de desenhos, o menino-lobo, nome este, que se dá por um dos principais pontos de significação observado, “O lobo!”.

Aqui entendemos o Outro como um conjunto de símbolos, uma figura fundamental na constituição do sujeito e representa a autoridade, a mediação entre o sujeito e o mundo externo, seus desejos e sua relação com o mundo.

3.2 Sintomas e Hipóteses teóricas

Antes de tudo, valem ressaltar o histórico de Roberto e a grande negligência materna sofrida, até mesmo as internações e rupturas sucessivas que o afastava de qualquer tipo de vínculo que pudesse criar. Apresentava como núcleo sintomático a repetição insistente da palavra “O lobo!” - esse significante concentrava seu terror e, ao mesmo tempo, sua própria identificação: ele não apenas temia o lobo, mas era o lobo. Isso se manifesta em crises de agitação, medo das portas abertas, uso confuso de objetos (mamadeira, penico, areia, bonecos), e não menos importante, o seu comportamento agressivo, tanto para consigo mesmo, como para com o outro.

Quanto às hipóteses: o lobo encarna, no plano simbólico, a figura da mãe devoradora (como sugerido por Ledor), associada ao estádio oral-sádico - desejo de devorar e ser devorado. O significante “lobo” também funcionava como condensação do supereu primitivo, experiência devastadora que se reduz a um comando sem sentido (“Tu deves"), onde a lei aparece sem elaboração. A repetição do “lobo” não era só medo, mas a marca da entrada de Roberto na linguagem - mesmo em estado de extrema precariedade imaginária, essa palavra funcionava como fio simbólico mínimo para instaurar o laço com o Outro, o que podemos chamar de fio condutor dentro da análise. Aqui, é importante mencionar a dificuldade no desenvolvimento do imaginário por parte de Roberto, o que pode ter inúmeros fatores, desde às suas condições biológicas, até a desestruturalização no campo simbólico.

Algumas articulações teóricas podem se relacionar com a função da palavra - como Lacan (1986) lê o caso, a partir da força estruturante do significante - o sintoma não se reduz a conteúdo traumático, mas ao efeito do significante que se impõe sobre o sujeito. Conteúdo e continente,

fundamental para a constituição do eu, pensando em como Roberto não distinguia bem o que estava "dentro" ou "fora" de si (fezes, urina, leite, areia, bonecos, mamadeira e penico) - tudo se confundia como prolongamento do próprio corpo. O estádio do espelho pode ser considerado, tendo em vista que havia uma falha no eixo imaginário, o que explica a dificuldade de Roberto em reconhecer sua própria imagem; seu gesto de se bater contra o vidro gritando "O lobo!" revela explicitamente a dificuldade em reconhecer o Outro e a si mesmo. A construção do eu ao longo do tratamento mostra que Roberto vai da pura possessão pelo significante à possibilidade de exorcizá-lo, o que permitiu a passagem a um momento de reconstrução do corpo e da imagem de si - isso coincide com sua capacidade crescente de brincar, de reconhecer limites entre dentro/fora e, finalmente, de pronunciar o próprio nome.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o tratamento, a primeira transferência marcada com o analista se dá ao longo de diversas repetições estereotipadas do significante "O lobo!" assim como rituais em torno do penico, o analista é dado como o destinatário dos significantes trazidos pelo menino-lobo, o manejo clínico então começa primeiramente com a interpretação destes atos, no caso do penico Roberto apenas defecava quando estava colado ao analista ou segurando um objeto, Lefort então nos sustenta que as fezes seriam interpretadas como a única coisa que se poderia dar ao Outro como garantia de um laço (apud LACAN, 1986), logo existe uma sustentação deste ato que ao longo do tratamento ganha uma nova forma, Roberto passava a colocar seu penico com fezes na porta, que agora ganhará um novo significante aos olhos do analista, a porta traria a marca da separação do dentro e fora, privado e público do eu e Outro, o ato de colocar o penico na porta então se torna a forma de dizer eu não posso entregar as fezes diretamente pois me destruiria, eu também não posso não entregar nada pois então não existiria então ao limite da porta (Eu e do Outro) eu entrego para que você reconheça que algo meu existe, o manejo ao longo do tratamento se dá afim de suportar o penico vazio, o que significaria um avanço na simbolização de Roberto, Lacan neste momento além de nos explicar que o ato de deixar o penico simboliza uma oferenda, sustenta também que no momento que existe o entendimento de que, não preciso mais de coco para garantir um laço, a também o suporte do vazio como um significante reconhecido, assim a porta e o penico começam a serem observados como objetos culturais e não mais como extensões do corpo, Dentro do significante "O Lobo!" (LACAN, 1998) Lefort não interpretará o sentido do lobo, mas irá sustentar um espaço onde o significando será repetido e ouvido, este espaço introduz uma mudança do significante que irá se transformar no ato de brincar de lobo, "O lobo!" Então funcionava como sua única significação condensadora, ou seja, único modo de tentar nomear ou localizar todas as ameaças que o atravessavam, quando se dá então espaço para se repetir esse símbolo "O Lobo!" Ele começa a se tornar algo mais comum, repetitivo algo de certa forma domável, no momento então em que se dá a "Domesticação" deste significante, as brincadeiras começam a transformar as angústias vividas no corpo em um jogo simbólico.

Após todo o percurso do penico e do Lobo, Roberto agora irá pronunciar seu próprio nome, ato este que simboliza o seu reconhecimento como um eu ao qual pode ser designado, Lacan nós traz que o então menino-lobo que estava preso a significantes impostos, agora ao se nomear rompe esse ciclo, ele se encontra na linguagem, como no gesto do estágio do espelho com a diferença que ao invés da imagem o que o unifica é palavra de seu próprio batismo na linguagem, para ele este

ato é o selamento do manejo de Lefort que acompanhou a passagem do real do corpo para o simbólico da palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de Roberto não pode ser reduzido a uma categoria nosológica fixa. Lacan sugere proximidade com uma estrutura esquizofrênica, mas sem caracterizar uma esquizofrenia estabelecida. O que se evidencia é a precariedade do imaginário e o risco psicótico. O significante "lobo" se coloca como núcleo devastador, mas também como ponto de amarração: é por meio dele que Roberto pode entrar em diálogo com o Outro e, gradualmente, elaborar novas posições subjetivas.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.